

RUBEM
BRAGA

26.5.65

O PINTOR LÚCIO CARDOSO

Fizeram bem os amigos de Lúcio Cardoso em expor, na Galeria Goeldi (Prudente de Moraes, 129, ali na Praça General Osório), os quadros que o romancista, gravemente tolhido pela doença em sua fala e nos seus movimentos, fez em lápis-cêra e óleo diluído sobre papel. Esses quadros me parecem — digo isso sem qualquer sentimentalismo — boa pintura. Boa no sentido de que êle consegue, com os pobres meios técnicos de que dispõe, fazer uma obra autêntica, pessoal, honesta; ali está, em traços e cores, o mundo de Lúcio Cardoso.

Gostei especialmente de um quadro que se chama *Cidade* e de outro, que está ao lado, em que aparece apenas uma figura de mulher. Mas todos têm a marca de um artista autêntico, isto é: alguém que tem alguma coisa a contar e conta essa coisa com propriedade. E isto é uma felicidade.

Visitem o Salão

Vale a pena ir ao Ministério da Educação ver o Salão Nacional de Arte Moderna deste ano. O nível geral é bastante bom e a arrumação agradável: é um passeio que se faz com prazer e, em certos momentos, com emoção.

Não tenho vocação de crítico e sou mesmo um apreciador distraído, sem responsabilidade, que pára apenas para ver melhor aquilo de que gosta mais, sem querer estudar nem julgar, apenas buscando seu prazer. A escultura (que continua sendo o

ponto fraco da arte moderna brasileira, apesar de alguns valores individuais) está muito vasqueira, mas vale a pena ver Maurício Salgueiro e Adelaide. Em pintura há vários nomes já familiares e estimáveis, mas me interessei principalmente por alguns que não conhecia, talvez por não ter podido ver os últimos Salões: Maria Luísa Leão Litsek, José Carlos Nogueira da Gama, Luciano Maurício, Olga Ferreira... A seção de arte decorativa é pequena, mas boa: Iara, Hilda Campofiorito, D'Ávila, Pedro Correia de Araújo. Especialmente boa a mostra de desenhos e gravuras: Geza Heller, Samico, Newton Cavalcânti, Maria de Lourdes — muita gente mais de valor.

Mas os desenhos que me encantaram mesmo foram os de Maria Teresa Vieira Branquinho três paisagens do Bairro de Santa Teresa. Não é uma estreante, já tem certificado de isenção de júri, mas confesso que nunca ouvira seu nome. Ela faz êsse tipo de desenho de quem vê ao mesmo tempo a floresta e a árvore, usa aguada e bico de pena, não é acadêmica nem moderna, consegue, com preto e branco nos dar toda a gradação dos verdes, e tudo envolvido em ar, luz, azul. Sente-se a artista honesta, minuciosa, cavoucando ali no seu ofício, já usando um bom acervo de experiência própria; é o desenho trabalhado, que agradaria a Portinari e a Guignard, embora tão diferente deles. Uma das paisagens grandes, aquela em que aparecem lá embaixo alguns edifícios refletidos na água, ousa ser isso que se chama, às vezes depreciativamente, um quadro bonito. Mas, se a paisagem é bonita, por que o quadro não tem o direito de o ser também? Uma artista que vive na mais bela cidade do mundo precisa ter coragem para merecer êsse privilégio, e acho que essa desenhista mostrou uma audácia adulta enfrentando motivos que assusta os timoratos modernos, os que têm medo de fazer concorrência ao cartão postal. E é a seriedade fundamental de seu desenho sensível e prolixo que lhe permite essa proeza rara.